

A GRADAÇÃO DA DIFICULDADE NA PRODUÇÃO DA RELATIVA GENTIVA PADRÃO

Hosana dos SANTOS SILVA¹

ABSTRACT: In Brazilian Portuguese the use of the vernacular construction is more frequent than the use of standard relative clauses, over a standard construction with a preposition or the form cujo (cf Tarallo, 1983 and Corrêa, 1998). The aim of this article is to present the linguistic factors that are favorable for the use of cujo and to bring a contribution to the standard writing of present time. The paper concludes that there is a difficulty gradation in the sentence making with the pronoun cujo due to the NP syntactic position that contains the relativized PP.

Introdução

Estudos como os de Lemle (1978), Tarallo (1983), Corrêa (1998), dentre outros, evidenciam que as construções relativas com o emprego do pronome *cujo* tem frequência de uso diminuta no português do Brasil. De modo geral, as estratégias vernaculares (cortadora e copiadora) substituem a estratégia padrão em textos orais e, muitas vezes, também na modalidade escrita, como notou Mollica:

As construções queístas e cortadoras parecem estar gradualmente aumentando na modalidade escrita do português brasileiro a ser percebida em textos midiáticos de jornal em decorrência de tendência semelhante observada no português oral contemporâneo. (2006, p. 170, grifo meu).

Santos Silva (2001) observou que em alguns contextos o falante, aparentemente consciente do desprestígio da estratégia vernacular, esquiva-se da relativa padrão, lançando mão de recursos próprios da linguagem oral, como nos casos (1) e (2) e (3) abaixo:

(1) "...eu gostava de um comediante francês que aliás agora tem passado poucos filmes dele que era o Jacques Tati..." (D2, Inquérito n. 255:53, op. cit., ex.(1a))

(2) quando tem esses [jantares dançantes]... sempre é em função dessa sociedade que meu marido ta.... **já ta há dois anos assim...** na diretoria (DID045, PA op. cit., ex.(1b))

(3) Foi um brasileiro antes dele, também, que veio... um pianista ...não me recordo o nome (DID045, PA op. cit., ex.(1c))

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)/ Universidade de São Paulo (USP). E-mail: hosanadossantos@ig.com.br.

Nessas sentenças, todas extraídas do *corpus* do NURC, os falantes parecem empregar as seguintes estratégias para disfarçar o emprego da estratégia não-padrão: em (1) introduz um marcador conversacional lexicalizado, em (2) intercala uma sentença e em (3) faz uso da pausa.

No texto escrito, mais planejado e passível de maior revisão e correção, em lugar das pausas e hesitações o falante evita a construção com o pronome genitivo através de construções sintáticas parentéticas (4) ou com o verbo *ter* (5):

(4) “Esse ensaio (**“Portugal como destino”**) não tem sido lido em Portugal, não tem tido crítica nenhuma, quase nada...” (Cult 27, op. cit., ex.(2a))

(5) “Esse é um sistema de crédito habitacional para a classe média que **tem** como fonte de recursos títulos emitidos para investidores...” (Folha de São Paulo – 06/09/01, op. cit., ex.(2b))

Observando esse quadro, procuramos depreender, neste estudo, possíveis condicionamentos intralingüísticos para o emprego do pronome relativo *cuj* em relativas genitivas. Os resultados preliminares evidenciam a função sintática do nóculo que contém o PP relativizado como um fator intralingüístico relevante para determinar o comportamento dessa variante. Esses dados indicam que quando o PP relativizado faz parte de um nóculo que ocupa a posição de sujeito ou de objeto direto o falante encontra mais facilidade para produzir a relativa padrão do que quando o PP pertence a um nóculo que ocupa a posição de oblíquo ou objeto indireto.

Partindo do estudo de Souza e Silva (1981)², que propõe uma hierarquia específica para o genitivo, defendemos, à luz da teoria gerativa, a hipótese de que a relativização da posição de genitivo de oblíquo / objeto indireto é uma operação custosa para o falante por envolver a alteração da ordem canônica da oração, a relativização de PPs de posições internas da relativa e distantes do NP correferente e por envolver o movimento da preposição.

O trabalho vem dividido da seguinte forma: na seção 2 apresentamos a fundamentação teórica e a metodologia adotada; na seção 3 abordamos os dados levantados e na seção 4 estendemos o debate à interpretação das dificuldades na construção escrita da relativa padrão.

Metodologia

O trabalho insere-se no quadro teórico da Sociolingüística Paramétrica, que associa pressupostos teóricos de Princípios e Parâmetros e da Sociolingüística Variacionista, nos termos de Tarallo & Kato (1989).

A variável dependente neste trabalho é a presença / ausência do pronome relativo *cuj* em relativas genitivas. Os fatores linguísticos considerados relevantes no condicionamento dessa variável são os traços semânticos [+ humano] / [-humano],

² É importante observar que a abordagem teórica adotada por Souza e Silva (1981) é diversa da abordagem adotada nesse trabalho, mas também o cerne dos questionamentos.

[+masculino] / [- masculino], [+ plural] / [- plural] do conseqüente, e a função sintática do NP antecedente e do NP que contém o PP relativizado.

Os dados que servem de base para este estudo ainda estão incompletos. Trata-se de um projeto piloto constituído de um teste com quatro blocos de exercícios produzidos por 12 alunos da 7ª série do ensino fundamental de uma escola da rede particular da zona urbana de São Paulo. O teste apresentado a esses alunos segue o modelo dos exercícios para fixação de conteúdo propostos nos livros didáticos, ou seja, envolve correção gramatical, preenchimento de lacunas, transformação de períodos simples em períodos compostos e produção de sentenças relativas, sempre focalizando a língua padrão. O conjunto de sentenças que compõem o teste apresenta uma organização estrutural relevante para testar a hipótese aqui apresentada. Os resultados aparecem em forma de tabelas e gráficos.

Resultados preliminares

Considerando a totalidade dos testes, em 43% dos casos o falante empregou o pronome relativo *cujo* corretamente.

Tabela 1: Ocorrências de sentenças relativas realizadas com o pronome cujo, considerando a totalidade de sentenças do teste.

	Ocorrência/ total	%
bloco 1 – preenchimento de lacunas com o emprego do pronome correto	71/96	74,0%
bloco 2 - adequação de sentenças ao registro formal	86/192	44,8%
bloco 3 - construção de sentença relativa genitiva a partir de duas sentenças justapostas	31/144	21,5%
bloco 4 – construção de sentença relativa com o emprego do pronome <i>cujo</i> .	4/12	33,3%
Total	192/444	43,0%

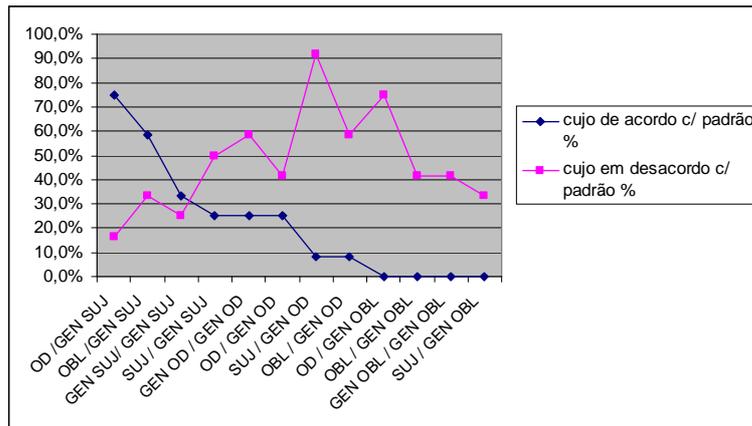
Os dados não apontam qualquer influência dos traços semânticos na produção das relativas com o emprego do pronome *cujo*. Não há diferenças significativas quanto ao uso desse pronome com conseqüentes [+ plural] e [+ masculino]; em qualquer contexto o percentual de ocorrência desse pronome mantém-se sempre elevado.

A animacidade do conseqüente também não pode ser interpretada como um fator intralingüístico relevante para determinar o comportamento da variável, já que há pouca oscilação na freqüência de uso do pronome relativo *cujo* nos diversos contextos em que se promove a testagem desse fator.

Quanto ao fator sintático, conforme notamos na introdução deste texto, os dados evidenciam que a função sintática do nóculo que contém o PP condiciona a ocorrência do pronome relativo. Quando o PP relativizado faz parte de um nóculo que ocupa a posição de sujeito ou de objeto direto o falante encontra mais facilidade para produzir a relativa padrão do que quando o PP pertence a um nóculo que ocupa a posição de

oblíquo ou objeto indireto. Conforme demonstrado no gráfico abaixo, a frequência do pronome *cujo* em contextos em que o PP pertence a um nóculo que ocupa a função de sujeito ou genitivo de sujeito chega a 75%, já em contextos preposicionados não há ocorrência desse pronome.

Gráfico 1- Distribuição de relativas de acordo com a função sintática do antecedente e do NP que contém o PP relativizado. (bloco 3 – reescrita)



É importante observar que há um acréscimo das estratégias de esquiva ao pronome *cujo*, bem como de sentenças agramaticais quando o PP pertence a um nóculo que ocupa a posição de oblíquo.

Quanto à função sintática do antecedente, as amostras não oferecem dados suficientes para a formulação de uma hipótese, pois a ordem do antecedente se altera sempre que há alteração da função sintática do NP que contém o PP, o que reforça a idéia de que é a função sintática do PP relativizado que realmente interfere na produção dessas relativas. Quanto a essa característica, convém notar, ainda, que em 100% das construções com o emprego do pronome *cujo* produzida pelos alunos³ tanto o NP antecedente quanto o NP que contém o PP relativizado ocupam a posição de sujeito.

Considerações finais

Souza e Silva (1981) propõe que a produção da sentença relativa padrão é mais complexa do que a vernacular porque, exceto na posição de sujeito, implica em desarranjo das unidades lingüísticas e, conseqüentemente, em não correspondência entre a forma canônica e a superficial. Tratando especificamente das relativas de genitivo, em que somente o sintagma preposicionado desempenha um papel no processo de relativização, afirma que este é um processo ainda mais complexo por aplicar-se somente a uma parte do constituinte. A autora propõe, ainda, que há uma gradação de

³ Os dados nos quais se baseia este estudo são oriundos de um único teste composto por quatro blocos de exercícios. No bloco 4 foi solicitado ao aluno que produzisse uma sentença empregando o pronome relativo *cujo*.

dificuldade de processamento das relativas específica para o genitivo, conforme representação abaixo:

Genitivo objeto sujeito > Genitivo objeto direto > Genitivo oblíquo

A partir da hipótese da autora, é possível dizer que se um falante relativiza o genitivo de oblíquo segundo a estratégia padrão, também deverá relativizar com a estratégia padrão o genitivo de objeto e de sujeito. Por outro lado, poderá relativizar somente o genitivo de sujeito segundo a estratégia padrão e os genitivos de objeto e oblíquo segundo a estratégia vernacular – cortadora ou copiadora⁴.

No estudo de Corrêa (1998, com base em Kato, 1993), também há uma reflexão sobre as dificuldades da produção da relativa padrão. Segundo a autora, a dificuldade que os alunos apresentam para aprender a produzir a relativa padrão relaciona-se à diferença entre as estratégias padrão e vernacular. A diferença está na posição sintática do termo a ser relativizado, ou seja, para aprender a produzir a relativa padrão o falante tem de aprender a passar da estratégia (a) aprendida na infância, para a estratégia (b), aprendida formalmente:

- (a) [IP Eu vendi [DP a casa]_i [CP cujas]_i [IP paredes]_j [VP [VP nós pintamos [DP (t)]_j] [PP (t)]_i [PP de branco]]]]
- (b) [IP Eu vendi a casa]_i [CP que]_i [Top (t)] [IP nós pintamos as paredes (Ø / delas) de branco]]]]

Para produzir adequadamente a sentença relativa em (a) o falante precisa perceber que há uma relação de posse entre os dois NPs idênticos (a casa), sendo que cada NP faz parte de uma sentença. Identificada a relação, é necessário que o falante extraia o termo a ser relativizado de dentro do IP – processo que envolve a extraposição somente do PP que integra o DP₁ para a posição de tópico da sentença encaixada –, proceda à pronominalização relativa do PP idêntico da oração encaixada e, por fim, estabeleça a concordância com o NP conseqüente.

A relativa não padrão (b) é menos complexa, pois o termo é extraído da posição de tópico, com movimento curto. Além disso, na estratégia de relativização não padrão a posição relativizada é um tópico sem cabeça e, conseqüentemente, o pronome relativo é um *que*, sem preposição.

Nessa linha de análise, é possível dizer que a ausência da preposição nas relativas genitivas de sujeito e objeto faz com que estas apresentem maior semelhança com a estratégia vernacular. Vale notar que no caso das genitivas de sujeito a semelhança é ainda maior, pois tanto na estratégia padrão quanto na vernacular há manutenção da ordem canônica da sentença. Comparando as sentenças (5) e (6), abaixo, nota-se que a marca visível da ocorrência da relativa padrão é o emprego do pronome relativo *cujo*.

⁴ Considerando os dados dos testes, não há alternância entre a estratégia padrão e a não-padrão. Ocorre que o falante, apesar de procurar empregar o pronome relativo *cujo* tanto nas relativas genitivas de sujeito quanto nas de oblíquo, neste último caso, emprega o pronome *cujo* de acordo com as especificações da gramática normativa.

- (5) [IP O homem_i [CP cujo_i [IP filho (t)_i está doente] anda muito preocupado]]
- (6) [IP O homem_i [CP que_i [Top (t) [IP o filho (Ø/ dele) está doente] anda muito preocupado]]

Dessa forma, considerando o fato de que são consumidos vários anos de escolarização antes que a relativa padrão tenha uso produtivo (cf Corrêa, 1998), podemos concluir que a produção escrita de relativas genitivas de oblíquo são as mais difíceis para o falante devido a diferença estrutural entre essa estratégia e a estratégia vernacular. É importante enfatizar que essas construções padrão estão praticamente ausentes na fala dos adultos e, conseqüentemente, ausentes no “input” durante a aquisição da linguagem pela criança e, conforme observa Kato (2005), a ausência desses elementos na gramática da fala marca a distância entre o conhecimento lingüístico que a criança leva para a escola e o conhecimento do falante letrado.

Referências Bibliográficas:

- CORRÊA, V. R. (1998). *Oração relativa: o que se fala e o que se aprende no português do Brasil*. Tese de doutorado, Unicamp – SP.
- KATO, M.A. (1993). “Recontando a História das Relativas em uma Perspectiva Paramétrica”. In: I. ROBERTS & M. KATO (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*, 223-261. Campinas: Ed. da Unicamp.
- _____. (2005). “A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical”. In: M.A. MARQUES, E. KOLLER; J. TEIXEIRA & A. S. LEMOS. (Orgs.). *Ciências da Linguagem: 30 anos de investigação e ensino*, 131-145. Braga: CEHUM (Universidade do Minho).
- LEMLE, M. (1978). “Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa”. In: L. LOBATO (org.) *Lingüística e Ensino do Vernáculo*, 60-94, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- MOLLICA, M. C (2006). “Sobre processos sintáticos que migram da fala para a escrita”. In: *Selected Proceedings of the 8th Hispanic Linguistics Symposium*, 167-171.
- PERRONI, M. C. (2001) “As relativas que são fáceis na aquisição do português brasileiro”. *DELTA* 17, n. 1, 59-79.
- SANTOS SILVA, H. (2001) *Varição e mudança: onde está o “dito” cujo?*. Trabalho de graduação no curso de Sintaxe. USP-SP
- SOUZA E SILVA, M.C.P. (1981). *Orações Relativas: dificuldades na produção escrita*. Dissertação de mestrado, PUC-SP.
- TARALLO, F. (1983) *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. Ph.D. dissertation, University of Pennsylvania.
- TARALLO, F & M. A. KATO (1989). *Harmonia Trans-sistêmica: variação inter e intralingüística*. *Preedição* 5, 315-353.